



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM DE CONJUNTURA

DO RIO GRANDE DO SUL

V. 7 N. 1

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 7 N. 1, abril 2025

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 7	n. 1	p. 1-18	abr. 2025
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 20.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Martinho Roberto Lazzari, Tomás Amaral Torezani e Liderau dos Santos Marques Junior

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

É permitida a reprodução desta publicação e dos dados nela contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Publicação atualizada com informações disponíveis até 28 de janeiro de 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia – Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 CENÁRIO EXTERNO	5
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	8
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	8
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS	10
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO	11
3 CENÁRIO INTERNO — RS	11
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	11
3.2 SETOR EXTERNO	13
3.3 MERCADO DE TRABALHO	14
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	15
3.5 PERSPECTIVAS	15
PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS	16
REFERÊNCIAS	17

SUMÁRIO EXECUTIVO

Após um 2024 marcado pela resiliência da economia mundial, caracterizada por expansões robustas das economias da China e dos Estados Unidos, aumento da renda e do consumo, menores pressões inflacionárias e afrouxamento da política monetária, dados mais recentes de alta frequência apontam para uma série de dificuldades em 2025: desaceleração da produção industrial, redução da confiança dos consumidores e dos empresários, inflação voltando a crescer. A esses dados soma-se o aumento da incerteza, relacionada tanto à política econômica quanto ao comércio internacional, ambos associados aos movimentos erráticos dos Estados Unidos nesses campos. Como resultado, as projeções de crescimento da economia global para 2025 foram reduzidas, tanto pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) quanto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na economia brasileira, os dados do Produto Interno Bruto (PIB) do quarto trimestre de 2024 revelaram uma desaceleração do crescimento, em função, principalmente, da queda do consumo das famílias na margem. Os primeiros dados de frequência mensal da atividade econômica corroboraram essa perda de dinamismo, que possui causas na desaceleração do aumento da renda, no aumento da inflação e na elevação da taxa de juros. Em março de 2025, ao mesmo tempo em que a inflação em 12 meses alcançou 5,48%, a taxa Selic foi elevada a 14,25% ao ano pelo Banco Central, após uma sequência de cinco aumentos desde setembro de 2024. Dentro desse cenário, as projeções para o ano de 2025 indicam uma redução do crescimento econômico e um aumento da inflação em relação a 2024.

O PIB do Rio Grande do Sul cresceu 1,0% no quarto trimestre de 2024 e 4,9% no acumulado do ano, apresentando recuperação após os impactos negativos das enchentes de maio. Os dados mensais da atividade econômica, no entanto, revelam uma relativa perda de dinamismo a partir de novembro de 2024. Nos últimos meses, a produção industrial tem apresentado estabilidade, enquanto as vendas do comércio e o volume dos serviços têm mostrado recuos na margem, em linha com a tendência geral observada na economia brasileira. Além disso, em 2025, não haverá o impulso da agropecuária tal qual ocorrido em 2024, pois uma nova estiagem, que afetou principalmente a soja, tem resultado em redução das previsões iniciais da produção agrícola.

As vendas externas têm contribuído positivamente para a economia gaúcha neste começo de ano. Entre janeiro e março de 2025, as exportações do Estado alcançaram o valor de US\$ 4,694 bilhões, aumento de 10,9% em relação ao mesmo período de 2024. Setorialmente, houve avanço das exportações de produtos agropecuários, especialmente da soja em grão, e de produtos industriais, principalmente das atividades de veículos automotores, celulose e papel e derivados de petróleo. Dentre os destinos das exportações, destaca-se o avanço das vendas para a Argentina, quarto maior mercado do Estado.

Os dados do mercado de trabalho continuam positivos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do quarto trimestre do ano (6 milhões e 77 mil pessoas) apresentou aumento na margem e na comparação interanual. Como resultado, a taxa de desocupação foi de 4,5%, a menor taxa para um quarto trimestre desde 2012. Ao mesmo tempo em que o número de ocupados cresceu, o rendimento médio real também se expandiu, resultando em aumento de 9,6% na massa de rendimentos do quarto trimestre de 2024, em relação ao do mesmo período de 2023. No mercado formal, cuja fonte dos dados é o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), a economia do Estado criou 75.341 novos empregos nos 12 meses terminados em fevereiro de 2025, aumento de 2,7% em relação ao estoque de fevereiro de 2024.

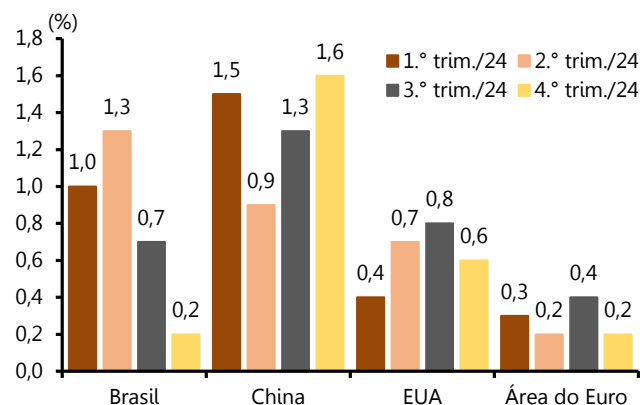
Em linha com o desempenho da atividade econômica deste começo de ano, a arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) apresentou aumento real de 0,9% no período de janeiro a março de 2025, na comparação com igual período de 2024, alcançando o valor de R\$ 12,910 bilhões.

As perspectivas para a economia gaúcha em 2025 estão inseridas em um quadro de grande incerteza global e desaceleração do crescimento mundial e nacional. Nesse cenário, aparecem pontos negativos internos ao Rio Grande do Sul, como a esperada redução da produção agrícola e a possível acomodação das vendas do comércio, e pontos positivos, como o crescimento recente da produção de máquinas e equipamentos e o impulso que os gastos em obras de reconstrução poderão ter sobre a produção e a renda ao longo do ano.

1 CENÁRIO EXTERNO

O quarto trimestre de 2024 registrou desaceleração, na margem, do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos e da Área do Euro (assim como do Brasil e da Argentina), enquanto a economia da China acelerou (Gráfico 1.1).

Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 1.º trim.-4.º trim./2024



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2025a).

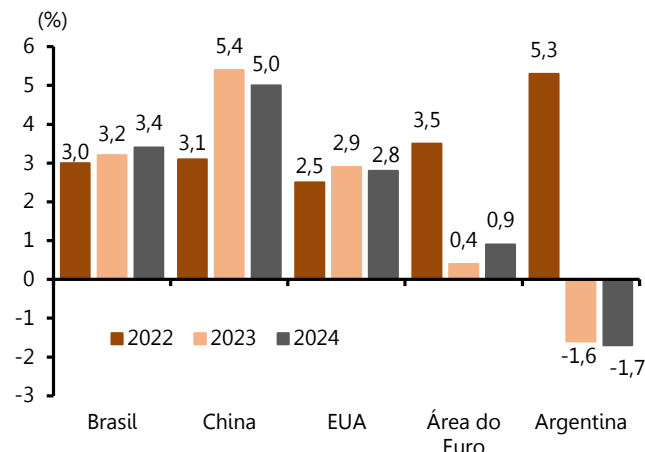
Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

O aumento de 0,6% no PIB dos Estados Unidos refletiu as elevações dos gastos privados e do Governo, que foram parcialmente compensados pela redução dos investimentos e das exportações líquidas. Na Área do Euro, o crescimento de 0,2% foi explicado pelo consumo das famílias (0,2 p.p.) e pelo consumo do Governo (0,1 p.p.), que foram parcialmente compensados pela diminuição dos investimentos (-0,1 p.p.); já as exportações líquidas apresentaram contribuição nula. Entre as principais economias da Área do Euro, houve retração nos PIBs da Alemanha (-0,2%) e da França (-0,1%) e expansão nos da Itália (0,1%) e da Espanha (0,8%). Por outro lado, a aceleração de 1,6% no PIB da China decorreu de uma série de medidas de estímulo lançadas desde setembro, para impulsionar a economia e a confiança dos consumidores, e do sólido crescimento das exportações, com antecipação das vendas externas pelos temores da guerra tarifária.

Em termos anuais, os PIBs de 2024 das principais economias mundiais registraram desempenhos mistos (Gráfico 1.2), com aceleração da Área do Euro (de 0,4% para 0,9%), enquanto houve desaceleração do crescimento na China (de 5,4% para 5,0%) e nos Estados Uni-

dos (de 2,9% para 2,8%). Já a Argentina viu sua economia encolher pelo segundo ano consecutivo (-1,6% em 2023 e -1,7% em 2024).

Gráfico 1.2 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anual de economias selecionadas — 2022, 2023 e 2024 (%)



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2025a).

As contribuições ao crescimento do PIB da Área do Euro vieram do consumo do Governo (0,6 p.p.), do consumo das famílias (0,6 p.p.) e das exportações líquidas (0,4 p.p.), sendo parcialmente compensados pelos investimentos (-0,7 p.p.). Já os desempenhos de suas principais economias foram mistos, com aceleração do crescimento na França (de 0,9% em 2023 para 1,2% em 2024) e na Espanha (de 2,7% para 3,2%), estabilidade na Itália (0,7%) e retração, pelo segundo ano consecutivo, na Alemanha (-0,3% em 2023 e -0,2% em 2024).

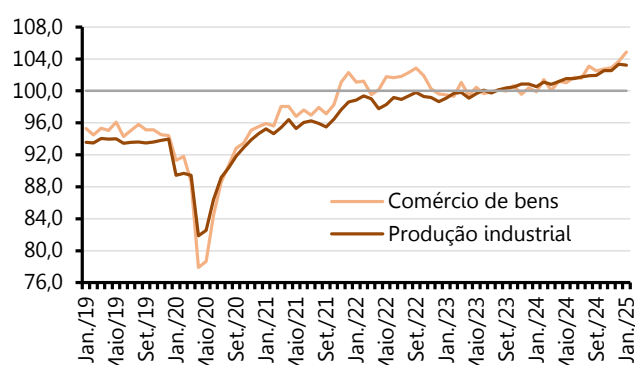
A expansão de 5,0% da China foi impulsionada pelo consumo final (2,2 p.p.), pelas exportações líquidas (1,5 p.p.) e pelo investimento (1,3 p.p.). Em relação a 2023, houve desaceleração do investimento e, sobretudo, do consumo final, que foram parcialmente compensados pelo aumento das exportações líquidas.

Por seu turno, o aumento de 2,8% no PIB do Estados Unidos foi devido ao consumo privado (1,9 p.p.), especialmente de serviços, ao investimento privado (0,7 p.p.) e ao investimento e consumo do Governo (0,6 p.p.), enquanto as exportações líquidas contribuíram negativamente (-0,4 p.p.), pela retração das importações.

Por outro lado, o recuo de 1,7% do PIB da Argentina deu-se pelas retrações do consumo das famílias (-4,2%), do consumo do Governo (-3,2%) e do investimento (-17,4%); já as exportações líquidas cresceram (3,2%).

Assim, de forma geral, a economia mundial mostrou resiliência ao longo do ano, com expansão robusta dos Estados Unidos e da China. Fatores como o crescimento da renda real e do consumo, taxas de juros mais baixas e menores pressões inflacionárias contribuíram para o resultado. Os volumes da produção industrial e do comércio global de bens cresceram quase 2% em 2024 (**Gráfico 1.3**). Já o índice geral de preços das *commodities* mostrou um leve recuo em 2024, explicado pelo desempenho das energéticas, enquanto as agrícolas e as metálicas recrudesceram (**Gráfico 1.4**). As condições do mercado de trabalho foram favoráveis, com crescimento do emprego e do salário real e baixa taxa de desemprego em comparação com o período pré-pandemia. Pressões inflacionárias continuam persistindo, sobretudo pelos serviços, mas foram menores que no passado. As políticas monetárias nas principais economias avançadas e emergentes também se mostraram menos restritivas.

Gráfico 1.3 - Índices globais de produção industrial e de comércio de bens — jan./2019-jan./2025

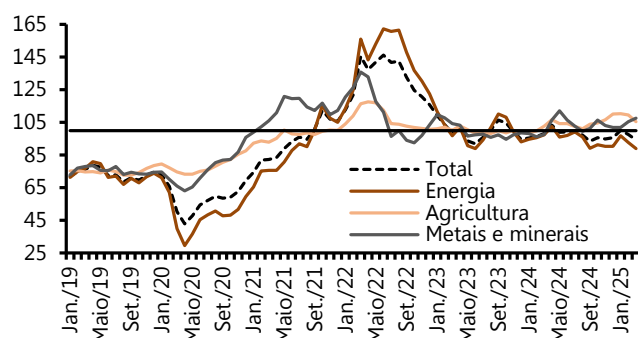


Fonte: Netherlands (2025)

Nota: 1. Os índices têm como base o ano de 2023.

2. A produção industrial exclui a construção.

Gráfico 1.4 - Índices de preço de grupos de *commodities* — jan./2019-mar./2025

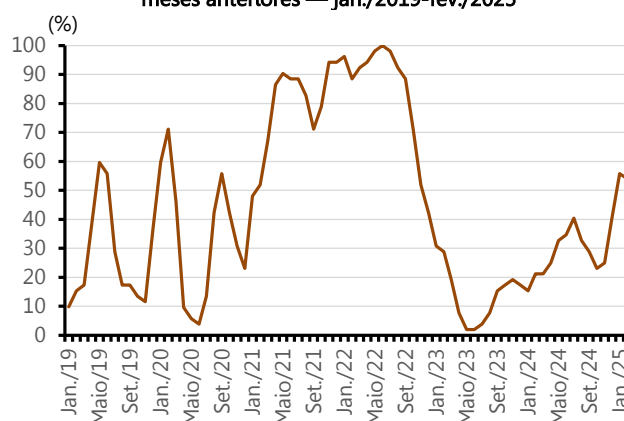


Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2025).

Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base o ano de 2022.

Entretanto, indicadores mais recentes de alta frequência já apontam dificuldades para a economia global em 2025 e um certo enfraquecimento do crescimento global no primeiro trimestre. O *purchasing manager's index* (PMI) sugere desaceleração em várias economias de forte desempenho nos últimos meses, como Estados Unidos, Brasil, México e Canadá, especialmente pelo desempenho do setor de serviços. A confiança do consumidor e a empresarial vêm diminuindo ainda mais no início de 2025, permanecendo em níveis relativamente baixos, sobretudo nos Estados Unidos, no Canadá e no México. A inflação voltou a aumentar, nos últimos meses, em um número cada vez maior de economias (**Gráfico 1.5**), em especial por causa da inflação de bens, enquanto a inflação de serviços permanece elevada.

Gráfico 1.5 - Proporção de economias em que a inflação aumentou nos últimos três meses ante os três meses anteriores — jan./2019-fev./2025



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2025b).

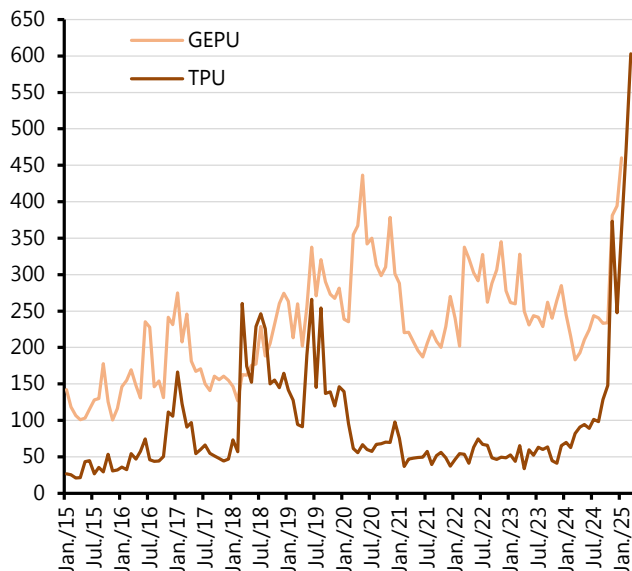
Nota: 1. Consideram-se 52 membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico e outras economias selecionadas.

2. Dados disponíveis até fev./2025.

O início de 2025 também vem sendo marcado pelos desdobramentos da série de medidas tarifárias de importação ao redor do mundo, iniciada pelos Estados Unidos e com retaliações de outras economias. A persistência e a efetivação dessas medidas podem impactar fortemente os custos comerciais, elevando o preço de bens finais importados para os consumidores e dos insumos intermediários para as empresas. Ademais, podem ter a capacidade de exercer pressão adicional na inflação de muitas economias, na política monetária, nas decisões de investimento e de consumo e, ultimamente, na própria atividade econômica e na renda global. Entretanto, o efeito tende a ser desigual entre as diferentes economias. Com tudo isso, os indicadores de

incerteza em relação à política econômica e ao comércio global aumentaram acentuadamente (Gráfico 1.6).

Gráfico 1.6 - Índices de incerteza global das políticas econômica (GEPU) e comercial (TPU) — jan./2015-mar./2025



Fonte: Davis (2016).

Caldara et al. (2020).

Nota: O *global economic policy uncertainty* (GEPU) reflete a frequência relativa de artigos de jornais que contêm um trio de termos relativos à “economia”, “política” e “incerteza”, sendo uma média ponderada pelo Produto Interno Bruto (PIB) de 21 economias que representam cerca de 71% do PIB global em paridade do poder de compra (PPP) e cerca de 80% em taxas de câmbio de mercado. Já o *trade policy uncertainty* (TPU) é calculado pela contagem da frequência mensal de artigos que discutem a incerteza da política comercial (como uma parcela do número total de artigos de notícias) em sete jornais. O índice é dimensionado de forma que 100 indique que 1% das novas notícias contêm referência ao indicador.

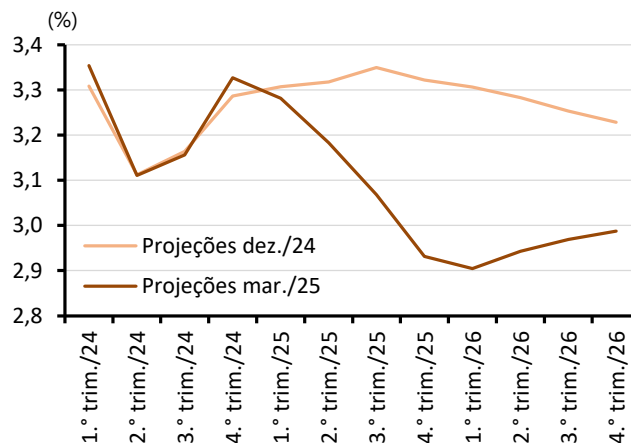
De acordo com as projeções de março da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (Tabela 1.1), o crescimento do PIB mundial deve desacelerar de 3,2% em 2024 para 3,1% em 2025 e 3,0% em 2026, com revisões baixistas em relação às projeções realizadas em dezembro de 2024 (Gráfico 1.7). Já as projeções de abril do Fundo Monetário Internacional (FMI) (Tabela 1.2) indicam uma desaceleração mais intensa para 2025 (de 3,3% em 2024 para 2,8% em 2025), com crescimento de 3,0% em 2026. Entretanto, o atual nível de incerteza global, especialmente no que diz respeito aos desdobramentos de mudanças tarifárias no comércio e aos riscos para a atividade econômica global, dificulta qualquer projeção para os próximos meses.

Tabela 1.1 - Projeções de março de 2025 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de economias selecionadas e comparação com as projeções de dezembro de 2024 para os anos de 2024, 2025 e 2026

DISCRIMINAÇÃO	2025			2026	
	2024	Mar./25	Diferença Ante Dez./24	Mar./25	Diferença Ante Dez./24
PIB mundial	3,2	3,1	-0,2	3,0	-0,3
Economias avançadas					
Estados Unidos	2,8	2,2	-0,2	1,6	-0,5
Área do Euro	0,7	1,0	-0,3	1,2	-0,3
Japão	0,1	1,1	-0,4	0,2	-0,4
Reino Unido	0,9	1,4	-0,3	1,2	-0,1
Canadá	1,5	0,7	-1,3	0,7	-1,3
Economias emergentes					
Brasil	3,4	2,1	-0,2	1,4	-0,5
China	5,0	4,8	0,1	4,4	0,0
Índia	6,3	6,4	-0,5	6,6	-0,2
Rússia	4,1	1,3	0,2	0,9	0,0
Argentina	-1,8	5,7	2,1	4,8	1,0

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2025b).

Gráfico 1.7 - Projeções trimestrais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global — 1.º trim./2024-4.º trim./2026



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2025b).

Nota: Crescimento interanual com pesos móveis do PIB em paridade do poder de compra.

Tabela 1.2 - Projeções de abril de 2025 do Fundo Monetário Internacional para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de economias selecionadas e comparação com as projeções de janeiro de 2025 para os anos de 2024, 2025 e 2026

DISCRIMINAÇÃO	2024	2025		2026	
		Abr./25	Diferença Ante Jan./25	Abr./25	Diferença Ante Jan./25
PIB mundial	3,3	2,8	-0,5	3,0	-0,3
Economias avançadas	1,8	1,4	-0,5	1,5	-0,3
Estados Unidos	2,8	1,8	-0,9	1,7	-0,4
Área do Euro	0,9	0,8	-0,2	1,2	-0,2
Japão	0,1	0,6	-0,5	0,6	-0,2
Reino Unido	1,1	1,1	-0,5	1,4	-0,1
Canadá	1,5	1,4	-0,6	1,6	-0,4
Economias emergentes	4,3	3,7	-0,5	3,9	-0,4
Brasil	3,4	2,0	-0,2	2,0	-0,2
China	5,0	4,0	-0,6	4,0	-0,5
Índia	6,5	6,2	-0,3	6,3	-0,2
Rússia	4,1	1,5	0,1	0,9	-0,3
Comércio de bens e serviços	3,8	1,7	-1,5	2,5	-0,8
Importações					
Economias avançadas	2,4	1,9	-0,3	2,0	-0,4
Economias emergentes	5,8	2,0	-3,0	3,4	-1,1
Exportações					
Economias avançadas	2,1	1,2	-0,9	2,0	-0,6
Economias emergentes	6,7	1,6	-3,4	3,0	-1,7
Preços de commodities (US\$)					
Energéticas	-1,8	-15,5	-3,8	-6,8	-4,2
Não energéticas	3,7	4,4	1,9	0,2	0,3
Preços ao consumidor	5,7	4,3	0,1	3,6	0,1
Economias avançadas	2,6	2,5	0,4	2,2	0,2
Economias emergentes	7,7	5,5	-0,1	4,6	0,1

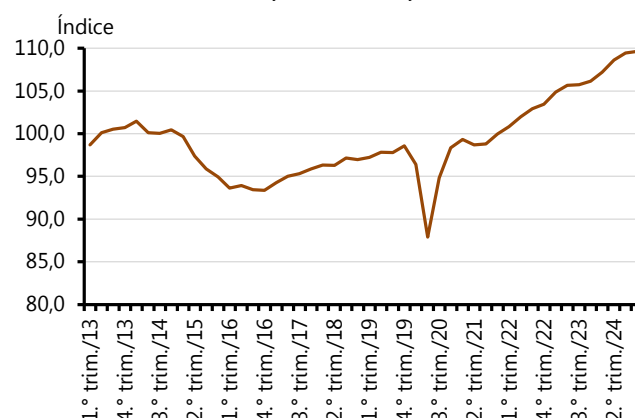
Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2025).

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No último trimestre de 2024, a economia brasileira apresentou desaceleração em relação aos trimestres anteriores, fundamentalmente em razão do recuo do consumo das famílias, componente da demanda que acabou afetado pelo menor crescimento da massa de rendimentos, pela aceleração da inflação e pelo aumento dos juros a partir de setembro. Mesmo assim, o aumento de 0,2% levou o volume do PIB a renovar seu pico histórico, ficando 8,0% acima do nível máximo anterior, registrado no primeiro trimestre de 2014, e 11,2% superior ao nível do quarto trimestre de 2019, antes dos impactos da pandemia (**Gráfico 2.1**).

Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-4.º trim./2024



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025g).
Nota: Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

O crescimento de 0,2% na margem foi influenciado, pelo lado da oferta, pelo aumento na indústria (0,3%) e nos serviços (0,1%), enquanto a agropecuária apresentou queda de 2,3% (**Tabela 2.1**). Pelo lado da demanda, consumo do Governo (0,6%) e Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) (0,4%) foram os únicos componentes a apresentar expansão nessa base de comparação. O consumo das famílias teve a primeira queda após 13 trimestres consecutivos de expansão.

Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB), pelas óticas da oferta e da demanda, do Brasil — períodos selecionados

(%)			
ATIVIDADES	4° TRIM/2024 3° TRIM/2024 ⁽¹⁾	4° TRIM/2024 4° TRIM/2023	2024 2023
PIB	0,2	3,6	3,4
Ótica da oferta			
Impostos	-	6,1	5,5
VAB	0,0	3,3	3,1
Agropecuária	-2,3	-1,5	-3,2
Indústria	0,3	2,5	3,3
Serviços	0,1	3,4	3,7
Ótica da demanda			
Consumo das famílias	-1,0	3,7	4,8
Consumo do Governo	0,6	1,2	1,9
FBCF	0,4	9,4	7,3
Exportações	-1,3	-0,7	2,9
Importações	-0,1	16,0	14,7

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025g).

(1) Com ajuste sazonal.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o aumento do PIB foi de 3,6%, refletindo, pelo lado da produção, os desempenhos positivos da indústria (2,5%) e dos serviços (3,4%), com a agropecuária exibindo recuo de 1,5%. Pela ótica da demanda, os aumentos mais relevantes ocorreram na FBCF (9,4%) e no consumo das famílias (3,7%). A forte demanda interna resultou em retração das exportações líquidas, com as importações crescendo 16,0% e as exportações recuando 0,6%.

No ano fechado, o PIB nacional expandiu-se 3,4%, superando as expectativas iniciais. Setorialmente, o maior avanço ocorreu no setor serviços, que cresceu 3,7%, seguido pela indústria, cuja expansão foi de 3,3%. A agropecuária, por outro lado, registrou queda de 3,2%, impactada principalmente pelas quebras das safras de soja e milho. O crescimento de 3,3% da indústria nacional em 2024 foi impulsionado pela expansão das quatro atividades: indústria extrativa (0,5%), indústria de transformação (3,8%), eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (3,6%) e construção (4,3%). Na indústria de transformação, o aumento da produção significou uma recuperação após dois anos consecutivos de retração. Estimulada pelo dinamismo da demanda doméstica, a atividade registrou avanços nos quatro trimestres do ano, com os maiores acréscimos sendo observados nas produções de bens de capital e de bens de consumo duráveis.

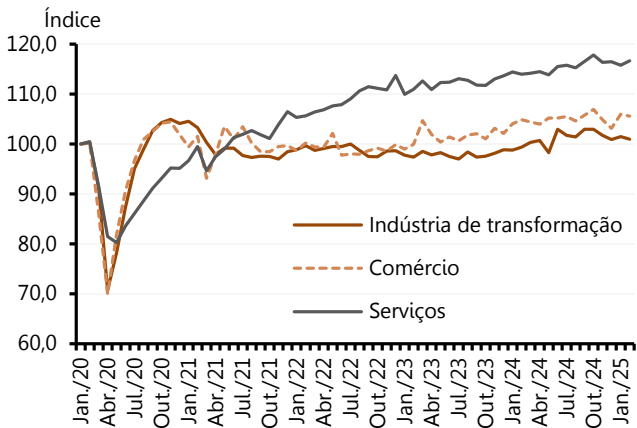
A expansão de 3,7% no setor de serviços ocorreu com ampla difusão. O consumo das famílias teve impacto significativo no desempenho das atividades de

serviços, sobretudo no comércio, que cresceu 3,8% no ano. Entre as demais atividades do setor, as maiores altas foram registradas nos serviços de informação e comunicação (6,2%), outras atividades de serviços (5,3%) e atividades financeiras e de seguros (3,7%).

Pela ótica da demanda, os dois destaques principais foram os aumentos da FBCF, com alta de 7,3%, recuperando-se da queda observada em 2023, e do consumo das famílias, cujo crescimento foi de 4,8%. Entre as causas para o maior dinamismo do mercado interno, pode-se elencar o mercado de trabalho aquecido, refletido na menor taxa de desocupação desde 2013 e no crescimento dos rendimentos dos ocupados, o aumento das transferências de renda via programas governamentais, o crescimento do crédito para pessoas físicas e a redução da taxa de juros no primeiro semestre. Também cresceram, mas a taxas inferiores, o consumo do Governo (1,9%) e as exportações (2,9%). A contribuição da demanda externa foi negativa no período, pois as importações cresceram 14,7%, acima, portanto, das exportações. Esse resultado deriva do aumento da demanda doméstica, em especial das compras externas de bens de capital ligados aos gastos da FBCF.

A perda recente de dinamismo da economia também pode ser percebida na análise mensal da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços. Após apresentarem crescimento ao longo da maior parte de 2024, as três atividades registraram recuos no trimestre de dezembro de 2024 a fevereiro de 2025, em comparação com os três meses imediatamente anteriores (**Gráfico 2.2**).

Gráfico 2.2 - Produção da indústria de transformação, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-fev./2025



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2025c).

Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2025d).

Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2025e).

Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

Após apresentar expansão de 3,7% em 2024, em relação a 2023, a produção física da indústria de transformação nacional apresentou retração de 1,4% nos últimos três meses (dez./2024 a fev./2025), na série com ajuste sazonal. Apesar da queda na margem, em relação ao trimestre de dez./2023 a fev./2024, a produção avançou 2,7%, impulsionada pelas atividades de produtos têxteis (14,5%), de veículos automotores, rebocues e carrocerias (12,5%), de máquinas e equipamentos (11,9%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (9,9%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (9,9%).

O comércio varejista ampliado do Brasil também registrou alta de 3,7% em 2024. No último trimestre móvel (dez./2024 a fev./2025), entretanto, houve recuo de 0,9% em comparação com os três meses anteriores, em linha com o movimento de retração do consumo. Na comparação interanual, no entanto, a atividade apresentou crescimento de 1,7%, alavancada pelos aumentos das vendas de veículos, motocicletas, partes e peças (8,2%), de móveis e eletrodomésticos (7,9%), de outros artigos de uso pessoal e doméstico (6,1%) e de material de construção (5,2%).

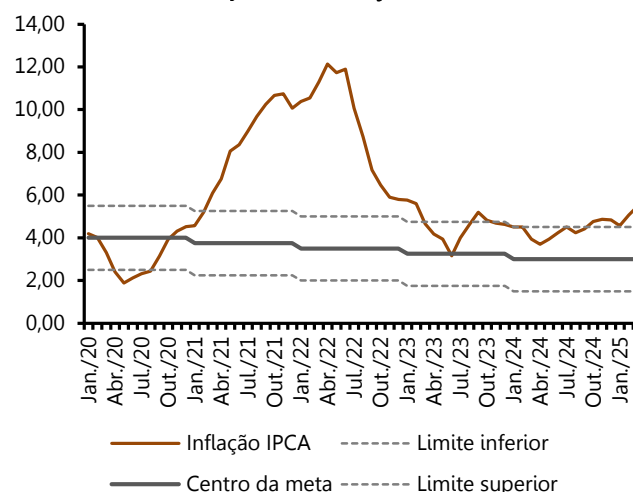
O desempenho dos serviços seguiu padrão semelhante ao das demais atividades. Na sequência de uma expansão em 2024 (3,1%), o setor perdeu dinamismo, apresentando variação negativa de 0,5% nos últimos três meses, também em razão da diminuição do consumo. Na comparação interanual, no entanto, os serviços apresentaram expansão de 2,7%, desempenho estimulado, principalmente, pelos serviços de informação e comunicação (7,0%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (2,5%).

2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

A taxa de inflação acumulada em 12 meses, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acelerou a partir de setembro (**Gráfico 2.3**). Até agosto, a inflação anual era de 4,24%, acima do centro da meta (3,00%), mas ainda abaixo do teto (4,50%). Após o movimento ascendente, o IPCA acumulado em 12 meses chegou, em março de 2025, a 5,48%, quase 1,0 p.p. acima do limite superior. Dos nove grupos que compõem o índice, quatro cresceram acima da média: alimentação e bebidas (7,68%), educação (6,31%), transportes (6,05%) e saúde e cuidados pessoais (5,79%). Não por coincidência, o Banco Central do Brasil (BCB) deu início a um processo de elevação da taxa de juros em setembro, quando a Selic passou de

10,50% ao ano para 10,75%. Esse movimento inicial ganhou ainda mais força em dezembro, quando o Comitê de Política Monetária (Copom) do BCB fez o primeiro de três aumentos consecutivos de 1,0 p.p. na taxa Selic, fazendo com que os juros básicos alcançassem o patamar de 14,25% em março. Em seu último comunicado, o Copom projetou, para a próxima reunião, um novo aumento da taxa, mas de menor magnitude. Os últimos dados, que mostram a desaceleração da economia, e as informações do cenário externo podem, no entanto, alterar, em alguma medida, os próximos movimentos da autoridade monetária.

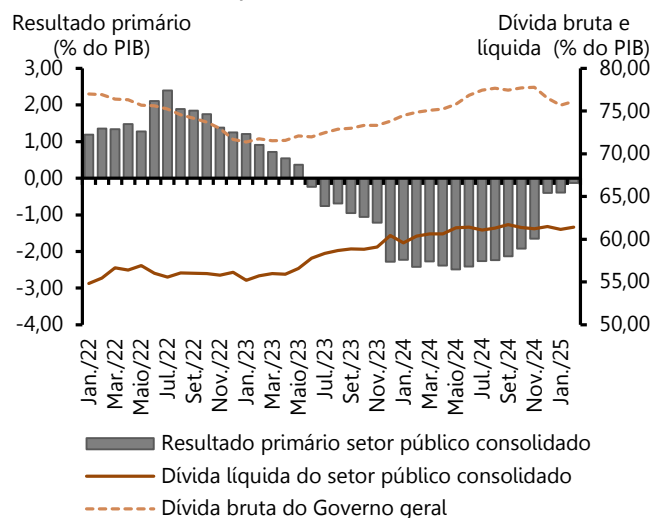
Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2020-mar./2025



Fonte dos dados brutos: IPCA (IBGE, 2025a).
Banco Central do Brasil (BCB, 2025b).

No campo fiscal, o resultado primário em 12 meses do setor público consolidado apresentou sensível melhora nos últimos meses, embora ainda seja negativo. A redução do déficit refletiu a diferença de magnitude entre o avanço das receitas (13,9%), em especial das administradas pela Receita Federal (17,4%), e o aumento das despesas (3,5%) ao longo de 2024. No acumulado em 12 meses até fevereiro de 2025, o déficit primário foi de 0,13% do PIB, bem abaixo do déficit registrado no mesmo mês do ano anterior (2,42%) (**Gráfico 2.4**). A dívida líquida do setor público consolidado alcançou, em fevereiro de 2025, 61,43% do PIB, 1,07 p.p. acima do observado em fevereiro de 2024. Já a dívida bruta do Governo geral chegou a 76,16% do PIB em fevereiro, 1,30 p.p. mais alta que a registrada um ano antes, mas 1,64% abaixo da de novembro de 2024.

Gráfico 2.4 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2022-fev./2025



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (BCB, 2025b).

2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO

Nesse cenário, os agentes do mercado financeiro preveem uma taxa de inflação de 5,57% para o fechamento de 2025, segundo o **Focus - Relatório de Mercado**, de 17 de abril de 2025 (BCB, 2025a). Refletindo o crescimento da incerteza internacional e o aperto monetário, a previsão para o crescimento do PIB em 2025 é de 2,0%, conforme o mesmo relatório.

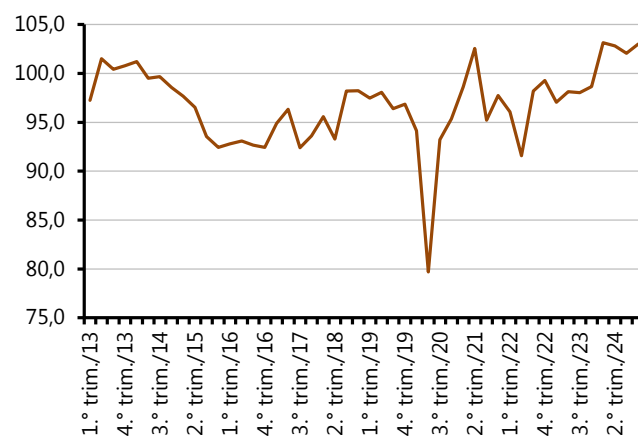
Já o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em sua Carta de Conjuntura do primeiro trimestre de 2025 (Amitrano; Mora y Araujo; dos Santos, 2025), apresenta previsões um pouco distintas: crescimento de 5,20% para o IPCA e de 2,4% para o PIB. Nos dois casos, entretanto, as previsões indicam uma piora, em relação a 2023, dos números da inflação e do crescimento da economia.

3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Após dois trimestres com queda na margem, o PIB do Rio Grande do Sul voltou a crescer nos últimos três meses de 2024. Embora a indústria e os serviços já tivessem retomado o crescimento no terceiro trimestre, foi apenas no quarto que o produto agregado alcançou desempenho positivo. Especificamente, o PIB do quarto trimestre cresceu 1,0% em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. A elevação na margem fez o volume do PIB gaúcho praticamente igualar o pico histórico da série, registrado no primeiro trimestre de 2024. Em relação ao registrado no quarto trimestre de 2019, antes da pandemia, o nível do quarto trimestre encontra-se 6,4% acima (Gráfico 3.1).

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2013-4.º trim./2024



Fonte: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG-RS/DEE) (Rio Grande do Sul, 2025b).

Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025g).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

Setorialmente, o aumento do PIB ocorreu devido às expansões da indústria (0,7%) e dos serviços (1,1%), com a agropecuária apresentando recuo de 4,9% no período (**Tabela 3.1**). O crescimento da indústria teve ampla difusão, com elevação nas quatro atividades, em que se desatacaram a construção (2,5%), impulsionada pelas obras de reconstrução após as cheias, e a indústria de transformação (0,9%), que apresentou o segundo aumento consecutivo nessa base de comparação. Das sete atividades dos serviços, apenas os serviços de informação apresentaram retração. Das que apresentaram crescimento, destacam-se os transportes (3,2%) e o comércio (2,4%).

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — períodos selecionados

ATIVIDADES	4º TRIM/2024 3º TRIM/2024 ⁽¹⁾	4º TRIM/2024 4º TRIM/2023	2024 2023
PIB	1,0	4,4	4,9
Impostos	-	2,9	3,8
VAB	0,7	4,6	5,1
Agropecuária ...	-4,9	20,4	35,0
Indústria	0,7	-0,8	-0,4
Serviços	1,1	4,5	3,5

Fonte: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG-RS/DEE) (Rio Grande do Sul, 2025b).

(1) Com ajuste sazonal.

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou avanço de 4,4% no quarto trimestre de 2024. Nessa base de comparação, destacaram-se positivamente a agropecuária (20,4%), impulsionada pela elevação da safra de trigo, e os serviços (4,5%), com destaque para o comércio (11,3%) e os transportes (7,5%). A indústria, por outro lado, apresentou queda de 0,8%, resultado determinado pelo recuo da indústria de transformação (-0,4%) e da atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-10,4%). A construção cresceu 5,7%, em linha com o aumento das obras de reconstrução.

No acumulado do ano, o PIB do Estado cresceu 4,9%, superando o crescimento nacional em 1,5 p.p. O Valor Adicionado Bruto (VAB) subiu 5,1%, com destaque para o avanço de 35,0% na agropecuária. Apesar dos prejuízos causados pelas enchentes e enxurradas, a produção agrícola foi bem superior à de 2023, ano marcado por estiagem. Os serviços cresceram 3,5%, com expansão em todas as atividades, destacando-se as altas observadas no comércio (7,1%), em outros serviços (4,6%) e em serviços de informação (3,8%). A indústria, por outro lado, apresentou queda de 0,4% em 2024, desempenho determinado pela retração de 2,5% na indústria de transformação, atividade de maior peso no setor. A indústria extrativa cresceu 3,0%, a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, 11,5%, e a construção, 3,5%.

Após as perdas de produção ocasionadas pelas enchentes em 2024, esperava-se, no começo de 2025, uma recuperação da safra do Estado, em especial da produção de soja. Entretanto, uma nova estiagem, a quarta em seis anos, prejudicou as projeções iniciais. Dada a época em que mais ocorreu a falta de chuvas, o produto mais afetado foi a soja, cuja produção deverá ser, de acordo com a última previsão do IBGE, 17,9% menor que a registrada em 2024. Por outro lado, as previsões para as safras de arroz, fumo, milho e uva

continuam indicando elevação em relação à safra anterior (Tabela 3.2).

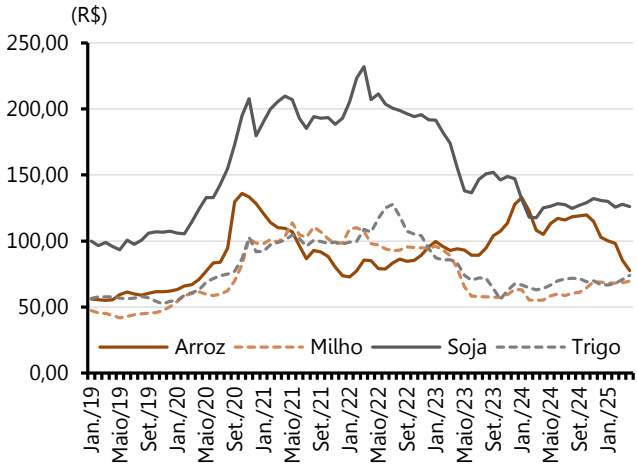
Tabela 3.2 - Quantidades produzidas e variações dos principais produtos agrícolas de verão do Rio Grande do Sul — 2024-25

PRODUTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA		VARIAÇÃO %
	2024	2025 (1)	
Arroz	7.128.908	8.114.714	13,8
Fumo	286.923	342.367	19,3
Milho	4.509.897	5.321.681	18,0
Soja	18.252.278	14.980.432	-17,9
Uva	686.360	958.018	39,6

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE, 2025b).
(1) Estimativa.

Quanto aos preços pagos ao produtor agrícola no Rio Grande do Sul, o mercado vem apresentando sinais mistos. Enquanto os preços do milho (20,0%) e da soja (3,5%) mostraram crescimento no primeiro quadrimestre de 2025, em relação ao mesmo período do ano anterior, o do arroz tem apresentado um recuo importante de 22,8%, possivelmente em razão do aumento da oferta do produto no mercado doméstico (Gráfico 3.2).

Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-abr./2025



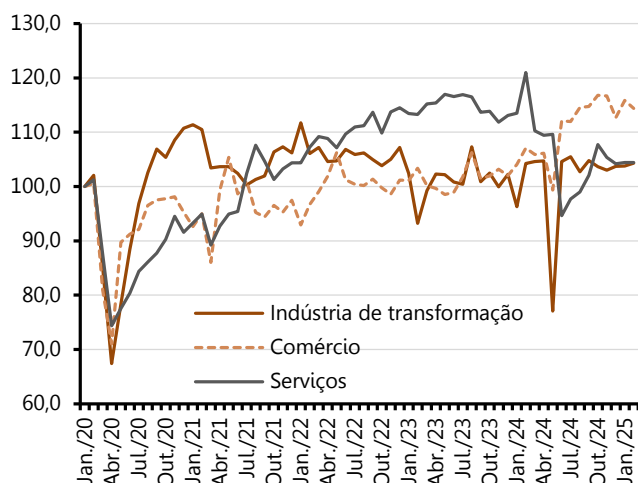
Fonte: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS, 2025).

Nota: Valores constantes a preços de mar./2025, corrigidos pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

A análise mensal da evolução da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços do Rio Grande do Sul mostra trajetórias bem distintas até outubro de 2024: relativa estabilidade na indústria durante quase todo o ano; início de retomada dos serviços a partir de julho, após quedas importantes em maio e junho; e tendência consistente de alta do comércio, após a ocorrências das enchentes. A partir de novembro, no entanto, suas trajetórias sinalizam para

um quadro mais homogêneo e mais parecido com o registrado no cenário nacional, com a manutenção da estabilidade na indústria e a desaceleração do comércio e dos serviços nos últimos três meses (dez./2024 a fev./2025) (Gráfico 3.3).

Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-fev./2025



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2025c).
Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2025d).
Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2025e).
Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

Após um fraco desempenho em 2024, com crescimento de 0,6% da produção física, a indústria de transformação não alterou sua trajetória recente, apresentando, no trimestre de dez./2024 a fev./2025 uma expansão de apenas 0,1% em relação aos três meses imediatamente anteriores, bem próximo, portanto, da estabilidade. Na comparação interanual (em relação ao período de dez./2023 a fev./2024), entretanto, a produção física da indústria de transformação do Estado teve aumento de 3,6%, impulsionada pelas elevações das atividades de derivados de petróleo e biocombustíveis (12,1%), produtos minerais não metálicos (9,7%), máquinas e equipamentos (6,7%) e metalurgia (5,8%).

As vendas do comércio varejista ampliado do Estado cresceram 9,3% em 2024, impulsionadas pelas compras de reposição após as enchentes. Nos últimos três meses, no entanto, a atividade apresentou um recuo de 1,5% na margem, indicando uma acomodação após a expressiva expansão ocorrida entre junho e novembro de 2024. Na comparação interanual, a taxa de variação ainda é bastante positiva. O crescimento de 10,1% teve como destaque os aumentos dos segmentos de atacado especializado em alimentos (17,1%),

material de construção (13,8%) e veículos, motocicletas, partes e peças (11,9%).

Em contraste com a indústria e, principalmente, com o comércio, os serviços apresentaram recuo de 7,3% em 2024, desempenho determinado pela forte retração verificada no primeiro semestre do ano. A partir de julho, o setor apresentou certa retomada, mas sem recuperar plenamente as perdas. Em novembro, no entanto, a recuperação foi interrompida. Nos últimos três meses, a atividade apresentou queda de 0,7% na margem. Na comparação interanual, essa queda foi ainda maior, de 9,6%, com os transportes caindo 21,1%, e os serviços de informação e comunicação, 18,9%.

3.2 SETOR EXTERNO

De janeiro a março de 2025, o valor das exportações do Rio Grande do Sul alcançou US\$ 4,694 bilhões, uma elevação de 10,9% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Setorialmente, houve crescimento tanto dos valores embarcados de produtos agropecuários, em especial de soja, quanto de industriais, setor em que se destacaram as expansões das atividades de veículos automotores, reboques e carrocerias, celulose e papel, e derivados de petróleo (Tabela 3.3).

Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — 2024-25

ATIVIDADES	VALOR (US\$ 1.000)		Δ%
	2024	2025	
Produtos alimentícios	1.084,3	1.119,5	3,3
Produtos agropecuários	598,5	850,8	42,2
Produtos do fumo	599,3	642,5	7,2
Produtos químicos	343,0	325,6	-5,1
Celulose e papel	239,6	281,2	17,4
Máquinas e equipamentos	251,9	262,3	4,1
Veículos automotores, carrocerias e reboques	189,6	254,2	34,0
Couros e calçados	230,2	236,7	2,8
Produtos de metal	156,8	150,4	-4,1
Derivados de petróleo	79,3	92,7	16,9
Outros produtos	458,8	477,8	4,1
Valor total	4.231,3	4.693,6	10,9

Fonte: ComexStat (Brasil, 2025a).

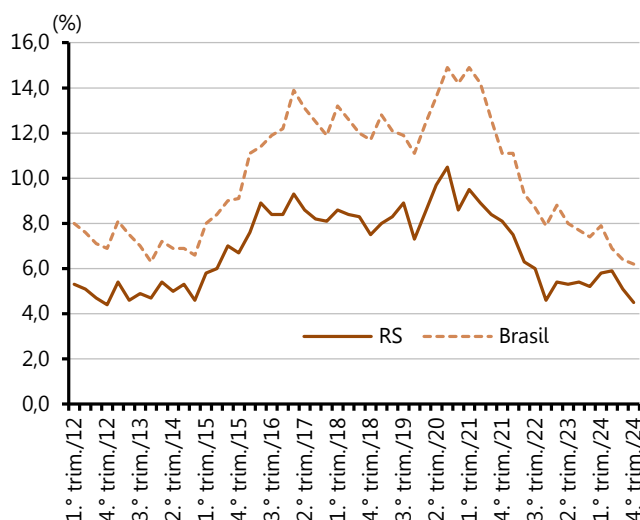
Por destino, China, União Europeia e Estados Unidos permaneceram como os principais compradores dos produtos do Estado no primeiro trimestre de 2025. Os valores das vendas cresceram 2,3% para a China e 9,4% para os Estados Unidos, enquanto, para a União Europeia, houve decréscimo de 12,1%. Para a Argen-

tina, quarto maior mercado, os valores exportados aumentaram 59,4%, com elevações significativas nas vendas de veículos, máquinas e equipamentos, produtos químicos e calçados.

3.3 MERCADO DE TRABALHO

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados no Rio Grande do Sul, no quarto trimestre de 2024, foi de 6 milhões e 77 mil pessoas, um aumento de 1,6% em relação ao trimestre anterior e de 2,2% em comparação com o mesmo período de 2023. Nesse mesmo período, a taxa de desocupação ficou em 4,5%, redução de 0,5 p.p. em relação ao trimestre anterior e de 0,7 p.p. na comparação com o quarto trimestre de 2023. Essa foi a menor taxa para um quarto trimestre desde 2012 (Gráfico 3.4). O rendimento médio real mensal habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas alcançou R\$ 3.698 no quarto trimestre de 2024, um aumento de 3,7% na margem e de 7,0% na comparação interanual. Como consequência do aumento do número de ocupados e do rendimento real médio, a massa real de rendimentos também cresceu no período, 5,4% em relação ao trimestre anterior e 9,6% na comparação com o mesmo trimestre de 2023.

Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2024

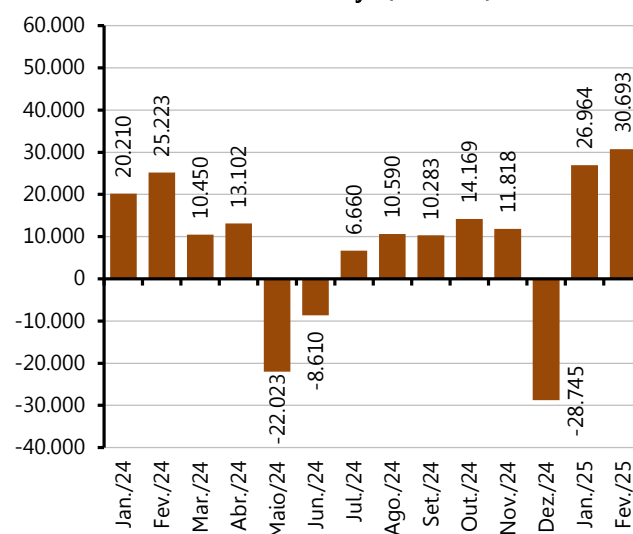


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2025f).

No mercado formal, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) apresentaram um saldo de 28.912 novos empregos nos últimos três meses (dez./2024 a fev./2025). Mensal-

mente, houve perda de vagas em dezembro, movimento comum para esse mês em função da sazonalidade, e saldos positivos em janeiro e fevereiro de 2025 (Gráfico 3.5). Nos 12 meses terminados em fevereiro, houve criação de 75.351 vagas de emprego no Rio Grande do Sul, saldo que se dividiu setorialmente em serviços (42.361 novas vagas), comércio (16.858), indústria (12.245), construção (6.845) e agropecuária (-2.959).

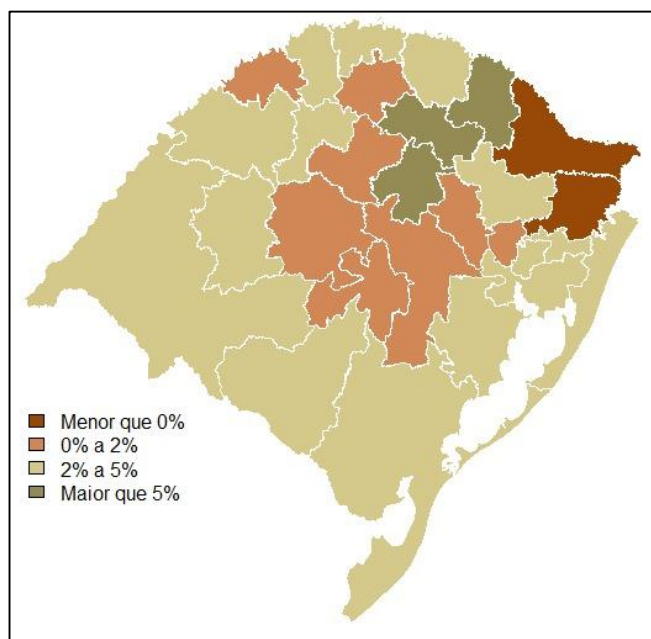
Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2024-fev./2025



Fonte: Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) (Brasil, 2025b).

Em relação ao estoque de empregos de fevereiro de 2024, o acréscimo relativo foi de 2,7%. Regionalmente, 26 das 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações positivas no período (Figura 3.1). As maiores altas ocorreram nos Coredes Alto da Serra do Botucaraí (8,8%), Produção (6,7%), Nordeste (6,0%), Médio Alto Uruguai (4,3%) e Celeiro (4,1%). Hortênsias (-2,8%) e Campos de Cima da Serra (-3,0%) foram os dois únicos Coredes que apresentaram recuo relativo no emprego em 12 meses.

Figura 3.1 - Variação do saldo em 12 meses entre admitidos e desligados sobre o estoque anterior no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul, fev./2025



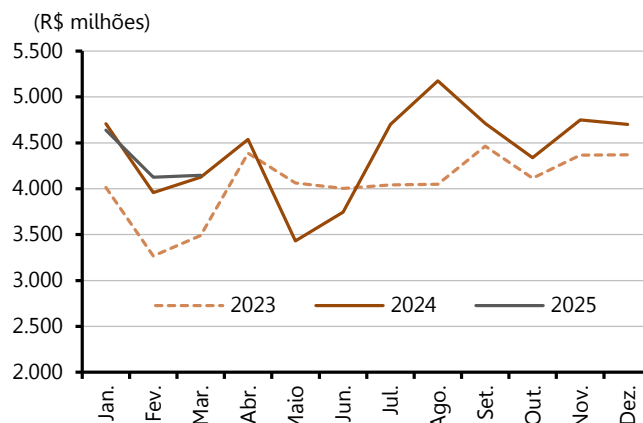
Fonte: Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) (Brasil, 2025b).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação negativa em 134, variação nula em sete e positiva em 356 deles. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, houve aumento em todos eles, com destaque para as taxas de Passo Fundo (8,5%), Cachoeirinha (6,5%), Rio Grande (5,7%), Gravataí (4,6%) e Viamão (4,5%). Entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil, houve aumento do emprego em 48 deles. Soledade (16,2%), Estância Velha (6,3%), Torres (5,8%), Nova Santa Rita (5,5%) e Esteio (5,4%) apresentaram as maiores taxas dentro desse grupo de municípios.

3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

Após apresentar crescimento de 11,7% no segundo semestre de 2024, em relação ao mesmo período de 2023, o valor arrecadado com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no primeiro trimestre de 2025 ficou 0,9% acima do registrado um ano antes. Na desagregação por atividade, houve crescimento nas atividades outros serviços (10,0%), comércio (5,4%) e agropecuária (4,7%); enquanto a indústria de transformação (-1,6%), outras indústrias (-5,8%) e serviços de informação e comunicação (-15,3%) apresentaram recuo (**Gráfico 3.6**).

Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2023-25



Fonte: Secretaria da Fazenda do RS/Dados Abertos (Rio Grande do Sul, 2025a).

Nota: Valores constantes a preços de mar./2025, corrigidos pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

3.5 PERSPECTIVAS

O cenário que cerca a economia gaúcha encontra-se bastante desafiador. Externamente, as projeções indicam uma desaceleração do crescimento econômico global, em um ambiente de grande incerteza, causado, principalmente, pela evolução da política tarifária dos Estados Unidos e suas consequências sobre o comércio mundial e os investimentos. Domesticamente, espera-se um impulso menos vigoroso da demanda interna, impactada pela inflação acima do teto da meta e por uma relacionada política monetária mais restritiva.

Nesse cenário, a economia gaúcha apresenta alguns pontos negativos e outros positivos neste início de ano. No primeiro caso, o mais importante é a ocorrência de uma nova estiagem, que já afetou a produção agrícola do Estado, notadamente a da soja. A isso se soma a perda de dinamismo das vendas do comércio no primeiro bimestre, o que pode estar indicando uma acomodação da atividade após o expressivo crescimento verificado no segundo semestre de 2024. Positivamente, aparecem o aumento recente da produção de máquinas e equipamentos — principal segmento industrial do Estado, que passou por dois anos de forte retração — e o impulso que as obras de reconstrução e de infraestrutura contra cheias gerarão diretamente sobre a atividade da construção civil e, indiretamente e via efeito renda, sobre o restante da atividade econômica.

PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — out./2024-mar./2025

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	OUT/24	NOV/24	DEZ/24	JAN/25	FEV/25	MAR/25
Indústria de transformação						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,1	-0,6	0,7	0,0	0,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,1	1,4	3,8	8,9	-1,2	-
Acumulado em 12 meses	-0,9	-0,3	0,6	1,6	0,3	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,0	-1,2	-0,9	0,6	-0,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,5	2,8	3,2	2,6	2,3	-
Acumulado em 12 meses	2,9	3,2	3,7	3,6	3,4	-
Comércio varejista ampliado						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,8	-0,1	-3,4	2,8	-1,3	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	16,6	14,8	10,1	10,7	9,5	-
Acumulado em 12 meses	7,1	8,1	9,3	9,7	9,9	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,1	-1,9	-1,6	2,7	-0,4	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,4	2,0	0,8	2,2	2,4	-
Acumulado em 12 meses	3,9	3,7	3,7	3,4	2,9	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	5,5	-2,1	-1,1	0,2	0,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-4,3	-6,2	-6,9	-8,0	-14,0	-
Acumulado em 12 meses	-6,5	-6,9	-7,3	-8,0	-9,6	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,1	-1,3	0,1	-0,6	0,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,3	2,6	2,8	1,1	4,2	-
Acumulado em 12 meses	2,7	2,8	3,1	2,8	2,8	-
Preços						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,16	0,03	0,50	-0,03	1,29	0,76
Acumulado em 12 meses	3,81	3,49	3,57	3,41	4,20	5,13
IPCA-Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,56	0,39	0,52	0,16	1,31	0,56
Acumulado em 12 meses	4,76	4,87	4,83	4,56	5,06	5,48

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2025a).
 Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2025c).
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2025d).
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2025e).

REFERÊNCIAS

- AMITRANO, C. R.; MORA Y ARAUJO, M.; DOS SANTOS, C. H. M. Visão Geral da Conjuntura. **Carta de Conjuntura (IPEA)**, Brasília, DF, n. 66, nota 23, 1.º trim. 2025. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2025/03/250328_cc_66_nota_23.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BCB. **Focus** - Relatório de Mercado. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, 17 abr. 2025a. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus/17042025>. Acesso em: 17 abr. 2025
- BCB. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, 2025b. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2025a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: fevereiro 2025. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2025b. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNW15NWl0ODtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YW12liwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTtENGyOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTtk3OCJ9>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CALDARA, D. *et al.* The economic effects of trade policy uncertainty. **Journal of Monetary Economics**, v. 109, p. 38-59, 2020.
- DAVIS, S. J. An index of global economic policy uncertainty. **NBER Working Paper**, n. 22.740, 2016.
- EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2025. Disponível em: https://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2025c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2025d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2025e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 4.º trimestre de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 4º trimestre 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- IMF. **World economic outlook**: a critical juncture amid policy shifts. Washington, DC: International Monetary Fund, abr. 2025. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2025/04/22/world-economic-outlook-april-2025>. Acesso em: 14 de abril.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor**. Haia: CPB, abr. 2025.

OECD. **OECD economic outlook**: steering through uncertainty. Interim report. Paris: OECD Publishing, mar. 2025a. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-outlook-interim-report-march-2025_89af4857-en.html. Acesso em: 17 de março

OECD. **Quarterly GDP**. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2025b. Acesso em: 22 abr. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados**. Porto Alegre: SEFAZ, 2025a. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2025b. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 17 abr. 2025.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data**. Washington, DC: World Bank, abr. 2025.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL